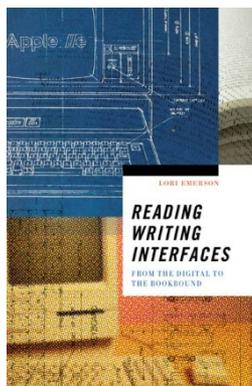


Superfícies em Desconstrução: Uma Arqueologia Crítica das Interfaces da Literatura

SANDRA BETTENCOURT

CLP | Universidade de Coimbra

Bolsista da FCT



Lori EMERSON, *Reading Writing Interfaces: From the Digital to the Bookbound*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 2014, 225 pp. ISBN 978-0-8166-9125-8.

A materialidade da tecnologia é uma significativa expressão na equação da produção humana, disso não há dúvidas. A relação do ser humano com o meio, digital ou analógico, é sempre mediada por uma interface, tornando esta materialidade inalienável de todo o processo de produção, configuração e recepção do objecto produzido. No caso da literatura podemos, então, dizer que a interface influencia os mecanismos da escrita, o objecto literário e os modos de leitura. Mas a interface pode funcionar paradoxalmente: é a mediação que permite acesso mas que, ao mesmo tempo, produz magia: pode esconder as suas estruturas e mecanismos, criando a ilusão do *ready-made* e do *user-friendly*. Se por um lado aproxima o leitor dos objectos literários, por outro pode afastá-lo dos processos literários. Vacilamos, então, entre efeitos de transparência e opacidade, não só nas interfaces mas também nos discursos que veiculam.

Esta é a crítica que Lori Emerson vai construindo em *Reading Writing Interfaces: From the Digital to the Bookbound*, o quadragésimo quarto volume da colecção “Electronic Mediations”, coordenado por Katherine N. Hayles e Samuel Weber. O pensamento sobre as mediações e as materialidades técnicas não é novo e tem ecos reconhecidos pela autora, desde logo pelo seu trabalho desenvolvido no Media Archaeology Lab, da Universidade do Colorado, em que analisa os média contemporâneos através da investigação

MATLIT 2.1 (2014): 199-202. ISSN 2182-8830

http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_2-1_14

da heterogeneidade histórica, trabalho para o qual muito contribui o conceito de “variantologia”, de Siegfried Zielinski. O conceito, referenciado pela autora e nas suas palavras, pretende compreender as variações individuais no uso dos média que impossibilitam a uniformização e normatividade nas tecnologias. É a partir desta perspectiva arqueológica que Emerson se propõe a questionar as tecnologias de escrita e leitura contemporâneas, numa revisão alternativa e não linear da história das interfaces no contexto literário. A sua atenção nesta análise e crítica alterna entre as práticas digitais e analógicas, e a desestabilização de géneros que aponta para processos de *readingwriting*. Ou seja, uma poética dos média que “signals a definitive shift in the nature and definition of literature” (xiv).

No centro desta escavação crítica está a problematização do estatuto das interfaces, actualmente compreendidas como mediações transparentes e invisíveis, em plena proliferação com aparelhos computacionais *multitouch*, como o *iPhone* e o *iPad*. Lori Emerson defende que a ubiquidade, não só das interfaces mas da retórica a elas associadas, produz efeitos de encantamento que obscurecem mais do que iluminam os objectos literários, sendo sintomática a transformação dos seus usuários em consumidores mais do que produtores. Um “truque da magia” que a autora pretende desmistificar.

Reading Writing Interfaces desenvolve, assim, uma exposição de diversas produções poéticas que contrariam a ideologia da interface transparente. Organizado em quatro capítulos que estão em constante comunicação e *feedback loop*, o livro apresenta os contextos e eventos que conduzem ao estado da arte da *media poetics* contemporânea. O primeiro capítulo estabelece a base de análise que vai alimentar toda a obra. Emerson empreende aqui uma forte crítica à terceira fase de computação, definida pelo conceito de *ubicomputing* (*ubiquitous computing*), regida por princípios de naturalização das interfaces de utilização instintiva e acompanhada por uma fetichização da interface pela sua estetização. Segundo a autora esta estratégia apelativa torna, paradoxalmente, os média inoperáveis, invisíveis e imperceptíveis, escondendo os seus modos de funcionamento e condenando os utilizadores a uma atitude passiva e não interventiva. É porque “not only does software obscure hardware, but interface obscures software” (2) que os utilizadores assumem uma posição de espectadores/consumidores num ambiente de tecnodeterminismo.

As fortes críticas de Emerson são sempre acompanhadas de reflexões acerca de possibilidades alternativas. Esse é, aliás, um dos aspectos mais produtivos da obra: a desmistificação pela análise pormenorizada de insurgências artísticas que possibilitam a intervenção, através de exercícios de desfamiliarização e dificuldade (*command-line interface*, *glitch* e *codework*), que expõem a opacidade das interfaces. Lori Emerson demonstra, assim, como os discursos impregnam e definem a utilização ideológica das interfaces, que por sua vez definem os modos utilização dos média, mas também como práticas alternativas insurgentes permitem restabelecer a actividade e a criação do

usuário/leitor. A argumentação de Emerson assenta numa escavação arqueológica que contextualiza numa perspectiva trans-histórica os objectos da sua análise e traz à superfície contra-discursos e práticas alternativas que iluminam o presente e as possibilidades nem sempre evidentes. Uma regressão que expõe não só as origens das interfaces computacionais inoperáveis mas que também recupera a importância, por exemplo, da poesia concreta e *dirty* produzida através da máquina de escrever e que representa uma forma de *analog hacktivism* ou *activist media poetry* pela consciência das possibilidades e limitações do meio e da interface que se tornam, assim, efectivos instrumentos de “escreitura”.

Lori Emerson defende que este tipo de interacção e activismo depende de uma literacia da materialidade: a compreensão do funcionamento do literário é o que permite a escrita e a leitura realmente produtivas, advogando uma *software literacy* na era digital e da literatura electrónica que resgate o usuário computacional para a sua categoria de produtor. Em última instância, o que de mais importante se retém da leitura de *Reading Writing Interfaces* é traduzível na afirmação da autora: “there is no such thing as the interface-free – that is absolutely necessary we both acknowledge that all writing comes to us through an interface” (142), e de que essa consciencialização é fundamental para levar a cabo exercícios alternativos e interventivos assentes numa desnaturalização e desmitificação do funcionamento dos meios e interfaces.

O périplo arqueológico de Lori Emerson pelo passado em comunicação com o presente e o futuro termina com asserções acerca de uma interface cada vez mais utilizada: os motores de busca, principalmente da *Google*, que norteiam as práticas de *readingwriting* de uma forma mais evidente. A *googlization of everything* e a escrita na e através da rede, em que “every click and every bit of text we enter into the network is itself constantly reading our writing and writing our reading?” (163). É nesta fase final da argumentação que Lori Emerson propõe uma interessante, e talvez a mais eficaz, estratégia de *hackerização* da ubiquidade da algoritmização e da *googlização*: a de um regresso à interface analógica, ou seja, à remediação impressa do digital. O exemplo é dado através dos exercícios de dois importantes nomes da literatura electrónica, John Cayley e Daniel C. Howe, que, em *How It Is in Common Tongues*, optam por publicar em livro impresso o seu trabalho de *readingwriting* baseado em motores de buscas. Uma forma de subversão da ideologia da apropriação implícita nessa interface e que Emerson aponta como a possível prática na qual se encontra o futuro da literatura electrónica, uma literatura que nasça em linha mas que sobreviva na forma impressa, convertendo-se em *frictional media*.

É neste *postscript* que o subtítulo, “From the Digital to the Bookbound”, se revela mais operativo e pertinente. É nesta fricção de interfaces que mais claramente, ou paradoxalmente como convém às questões tratadas no livro, se percebe a distopia em que assenta a utopia da ideologia da interface livre,

transparente e *user-friendly*. A argumentação sempre interdisciplinar de Lori Emerson – conciliando os estudos de mídia com os estudos literários, e para eles contribuindo – é convincente e a metodologia arqueológica de um *feedback loop*, que não é apenas metodológico mas epistêmico e ontológico das práticas de *readingwriting*, ilumina a pertinência da reflexão acerca dos mídia, das suas materialidades e superfícies nos estudos literários.

Reading Writing Interfaces, que se encontra na senda de estudos desenvolvidos acerca das materialidades (Kittler, Flusser, Gumbrecht, Kirschenbaum) promove a reflexão não apenas sobre os meios da escrita e da leitura, mas do que é exactamente o literário. Se a antiga questão acerca das intenções do autor ocupou durante tanto tempo académicos em especulações hermenêuticas, Emerson desafia a substituição dos termos: quais são as intenções da interface na escrita e leitura? Uma pergunta que não deixa de implicar uma outra, o que fazer com essas intenções do material? Consonante com a necessidade de revisitação crítica da história, não é surpreendente que a leitura do livro carregue ecos de outras reflexões teóricas, para além das mencionadas pela autora. No meu processo de leitura recordo-me algumas vezes daquele que será o mais famoso ensaio acerca da materialidade da produção artística, “A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica”, de Walter Benjamin, ou ainda da noção de “indústria cultural”, de Theodor Adorno. Estas são reflexões que, a partir de uma atenção inovadora à materialidade, convocam um pensamento desmistificador das ideologias e discursos que sobrevivem nas produções artísticas. Com o devido distanciamento e distinção de propósitos, o trabalho levado a cabo por Lori Emerson promove uma reflexão empírica e assente em exercícios de *close reading* de um vasto leque de obras heterogêneas e temporalmente transversais, mas de certo modo análoga: a de que as ideologias sobrevivem nas interfaces mas que é através delas e da sua exploração e reinvenção que o exercício de desnaturalização e de uma produção literária realmente activa e crítica pode acontecer.